



ENTREVISTA

Bragança Fernandes falou ao Ágora

Novo Quadro Comunitário penaliza a Maia

“O Norte está a ser fortemente penalizado com este quadro comunitário”- denuncia o Presidenta de Câmara Municipal da Maia, Bragança Fernandes, em entrevista concedida esta semana ao nosso jornal. Na sua opinião, “a Maia é altamente penalizada”. E explica porquê, anunciando em primeira-mão, quais os principais investimentos que gostaria de ver realizados no concelho.

Ágora – Vem aí um novo quadro comunitário de apoio, o QREN. Quais as perspectivas para o município da Maia?

Bragança Fernandes - Não são nada boas. Aliás, estou totalmente em desacordo com as orientações gerais. Foram definidas como prioridade as candidaturas intermunicipais e é um quadro comunitário muito virado para as políticas de saneamento e ambiente. Ora, acontece que a Maia, nessas matérias já cumpriu o seu papel, já fez praticamente tudo o que havia para fazer. Nós já temos 99% do concelho coberto de água e saneamento. Mais uma vez estamos a ser penalizados

por estarmos à frente.

Á - Penalizados em que medida?

BF - Repare, como no passado fizemos o trabalho de casa, ou seja, aplicamos os fundos correcta e integralmente, agora não vamos beneficiar de fundos noutras matérias que são hoje prioritárias para nós. O saneamento já não o é. O Estado vai compensar quem não trabalhou. Os municípios que não fizeram nada vão ter apoios e nós não.

Á - De qualquer modo, quais são as traves-mestras de investimento que gostaria de ver apoiadas?

BF - O nosso concelho cresceu nos últimos 15 anos cerca de 42%. O nosso parque escolar é óptimo mas é necessário investir nesta área - mais escolas e o alargamento de algumas das existentes. A rede escolar é uma das nossas apostas. Temos a maior zona industrial do país e essa é outra das nossas prioridades, torna-la ainda mais atractiva e criar melhores condições de fixação de mais empresas. Peço ao governo que nos ajude em vez de nos penalizar por estarmos à frente dos outros

Á - Parque escolar, Zona Industrial e...?

BF - E em termos ambientais a despoluição do Rio Leça. Aqui está um projecto intermunicipal fundamental. Nós gastamos muito dinheiro, milhões de contos, para não poluir o Leça. Só que, ele chega poluído à Maia e é poluído depois de passar a Maia, o que é uma

vergonha e um crime ecológico. Quero ver o rio despoluído, os seus belos moinhos recuperados e as suas margens limpas e requalificadas. É uma das nossas grandes apostas.

Á - E em termos de habitação social?

BF - Pelo que me apercebi, este novo quadro não contempla a habitação social. Nós vamos continuar a investir nessa área, nomeadamente através de parcerias com privados. Mais grave ainda, agora o estado vai apoiar financeiramente o investimento em estruturas de apoio aos PER (habitação social) e nós, que fomos penalizados por ter feito esse investimento no passado, não vamos ser agora ressarcidos.

Á - Em suma, perspectivas negras?

BF - Exacto. Não estou minimamente satisfeito, bem



Bragança Fernandes: perdemos por estar na frente

pelo contrário. O Norte está a ser fortemente penalizado com este quadro comunitário. As nossas ambições no investimento na área aeroespacial já ficaram por terra pois diz-se que vai para Setúbal. Eles estão a encaixar todo o dinheiro para

a OTA, o TGV e para o Metro. Neste último ponto até acho bem, ainda falta o metro chegar a Gondomar e à Trofa - e o caso da Trofa é mesmo escandaloso. Nem tem metro e ficou sem comboio, é inadmissível.

Fernando Moreira de Sá

Líder da Tecmaia ao Ágora

“Queremos competir na Liga dos Campeões”

A Tecmaia é um parque tecnológico que nasceu quando, há cinco atrás, a fábrica da TISEP (Texas Instruments/ Samsung) fechou e houve necessidade de compensar a Zona Industrial da Maia por essa perda. Assim surgiu uma infra-estrutura que alberga uma série de actividades inovadoras no mundo das tecnologias e que contribui para o desenvolvimento regional e dinamização da malha empresarial local. Volvidos 5 anos de existência, António Tavares, director-geral da Tecmaia fala-nos do que já foi feito e do que ainda está por fazer.

Ágora: Quais são as particularidades da Tecmaia que a fazem demarcar-se de outros parques tecnológicos portugueses?

AT: É necessário dar a conhecer o projecto junto dos operadores de mercado. Temos condições para crescer a curto prazo, porque há hoje no país muita procura no sec-

tor da ciência e tecnologia. “Inovação” é palavra de ordem para que Portugal possa desenvolver-se e é nisso que apostamos. Procuramos sobretudo estabelecer um equipamento que dê resposta às empresas e permita a criação de emprego qualificado. Estamos a falar de um espaço que emprega 350 pessoas, todas elas necessariamente licenciadas, o que demonstra bem aquilo que queremos atingir: um equipamento de excelência, de referência, não só para a Área Metropolitana do Porto, como também para toda a região nordeste peninsular. Como eu costumava dizer, queremos competir na “Liga dos Campeões” e, para isso, tentamos estar atentos ao que se faz de melhor no mundo.

Á: O Presidente do ISMAI, Domingos de Oliveira e Silva, faz parte do conselho científico da Tecmaia. A Maiêutica, empresa que gere este Instituto, tem participação no capital social deste parque. Esta parceria poderá resultar na integração de recém-licenciados do ISMAI na Tecmaia?

AT: O que nós podemos dizer é que o ISMAI, ao aceitar ser acionista da Tecmaia, compreendeu um dos nossos principais objectivos: fazer a ligação entre o

mercado empresarial e as universidades. Sem margem para dúvidas, este parque irá aguçar a curiosidade dos alunos do ISMAI e incentivá-los a criar a sua própria empresa. Pode ainda possibilitar que muitos dos alunos do Instituto não tenham que sair do concelho onde estudam para conseguirem arranjar emprego.

Á: No caso de um aluno ter uma ideia empreendedora, mas não ter os meios para fazê-la crescer, que apoios a Tecmaia pode dar para que a ideia possa concretizar-se?

AT: Se a ideia for boa, tentaremos ajudar o aluno a criar o seu próprio modelo de negócio e a con-

cretizá-lo. Claro que isto vai depender muito da capacidade criativa da pessoa, do génio, do improviso. Mas há, naturalmente, uma necessidade primária: muito trabalho.

Á: Acha que esse trabalho deve ser desenvolvido ainda antes da conclusão do curso?

AT: Do meu ponto de vista, o aluno não deve esperar pelo final do curso. Um, dois anos antes, deverá começar a olhar para o mercado, ver aquilo que quer fazer, para tentar marcar a diferença. Se as ideias que nos forem apresentadas tiverem valor, é evidente que apoiaremos.

Pedro Ferreira
Inês Dias



António Tavares em entrevista

QREN CHUVA DE EUROS

Portugal vai receber 21.510,6 milhões de euros, entre 2007-2013, no âmbito do QREN- Quadro de Referência Estratégico Nacional.

Esta “chuva de euros” será distribuída de várias formas e com diferentes destinatários. A saber:

- 13.909 milhões de euros para os POT (Programas Operacionais Temáticos), concretamente para “Factores de Competitividade, Valorização do Território, Potencial Humano”.
- 7.364,8 milhões de euros para os POR (Programas Operacionais Regionais). Deste valor, a Região Norte, fica com um terço das verbas recebendo 2.711,6 milhões de euros (menos 5,4% em comparação com o anterior quadro comunitário, o III QCA).
- OTA e TGV recebem respectivamente 170 milhões de euros e 955 milhões de euros, num total aproximado de 1,1 milhões de euros.

Segundo o Governo, as metas prioritárias são a requalificação do parque escolar, os cursos profissionalizantes e a formação certificada. Seguem-se outros sectores: a ciência e tecnologia, o reforço da internacionalização e inovação das empresas portuguesas, a informatização da administração pública, o ambiente e o turismo.

“Última oportunidade para o Norte”

O Presidente da CCDRN (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte), Carlos Lage, em declarações à Lusa, referiu que esta “chuva de euros” será a última oportunidade para o Norte. Segundo ele, o Norte deve procurar transformar-se num “pólo de competitividade internacional” apostando, entre outras, na biotecnologia e indústrias ligadas ao campo da saúde. Portugal vai receber cerca de 8,4 milhões de euros por dia entre 2007 e 2013 (período de vida do QREN).

Os Pólos de Competitividade e Tecnologia são outra das grandes apostas. Estes pólos, para se candidatarem ao financiamento do QREN terão de integrar Universidades, Empresas, Instituições de I&D e entidades públicas e privadas

Fernando Moreira de Sá